

# I Congresso Nacional da J. U. C.

(Continuação da 1.ª página)

O orador disse que é preciso haver unidade em nós mesmos — unidade de uma vida inteira, pois que — salientou — toda a civilização moderna foi feita na luta por este grande escândalo — de um mundo novo criado pelo homem. E o homem, hoje, encontra-se perante a morte. Só com Deus podemos integrar na nossa vida, a morte.

Precisamos de ser gente do nosso tempo. Precisamos de acreditar que a pretensa filosofia moderna acabou. O homem não cabe na natureza porque não é apenas um ser natural.

Devemos pertencer às ideais do nosso tempo que há-de determinar as nossas ideais. O Mundo não pode deixar de ser uno. Nunca houve tantos conflitos como agora. E pergunta: — Terá o Mundo força para dominar?

— Precisamos de ter forças — acrescentou — forças morais para vencer. Não venceremos sem catholicidade.

O Mundo — disse Sua Excelência Reverendíssima a seguir — nunca poderá ter personalidade sem ter unidade na catholicidade.

Universitários! Uni-vos em volta de Deus. O sinal de Deus é a unidade! É preciso que domine em vós, o espírito de unidade intelectual. A vossa missão não é realizar um apostolado qualquer. É preciso unidade em Deus, unidade por Cristo. É preciso apostolado de comunidade, apostolado de comunhão em Cristo. Tendes de realizar o vosso apostolado no domínio cultural. Só assim poderemos chegar a Deus que completa a Verdade e a Luz.

Se não compreendermos o nosso tempo — disse ainda o Prelado — não compreenderemos o Mundo. É uma tremenda responsabilidade, uma tarefa terrível. É preciso reconhecermos que pertencemos a Cristo! Deveis integrar-vos no lema de que pertencemos a Deus, á Verdade de Deus.

E a terminar:

«Deveis procurar realizar a Verdade pela Caridade, pelo caminho de Deus, que é a Verdade e a Vida!»

A missa prosseguiu. Ao ofertório serviram os dirigentes da J. U. C. do Porto, representando a J. U. C. de todo o País.

Seguiu-se a comunhão que foi distribuída pelo Senhor Bispo de Porto auxiliado por cinco sacerdotes.

A assistência rezou depois a oração do congresso e cantou o hino da Acção Católica.

## Os trabalhos das reuniões parciais

Pouco depois das 11 horas, começaram a funcionar, em salas diferentes, no I. S. T., as cinco secções que discutiram as primeiras questões subsidiárias.

Estas secções foram presididas pelos srs. Armando Sales Luis, Adérito Sedas Nunes, Ermes Nunes dos Santos, Francisco Pereira de Moura e José Manuel Pinto Correia.

Nas reuniões parciais foram apresentadas as seguintes teses: O sr. Joaquim Vilaça Delgado, de Coimbra — «Organizações universitárias de estudantes»; o sr. Jorge Biscaia, de Coimbra, apresentou uma tese sobre a «Condição económico-social do estudante português»; «Estado religioso e moral dos estudantes», pelo sr. João Resma Rodrigues, de Lisboa; «O universitário e os problemas do Estado», pela estudante de Lisboa, Maria Manuela da Silva.

## A reunião plenária da tarde assistiu o sr. Subsecretário de Estado da Educação

Pouco depois das 15.30, iniciaram-se os trabalhos da 3.ª sessão plenária.

ria. Presidiu o sr. Prof. Pires Cardoso. Entre a numerosa assistência vieram-se os srs. Arcebispo de Milhães, Bispo do Porto e Dr. Veiga de Macedo, Subsecretário de Estado da Educação Nacional.

O sr. Prof. Dr. Pires Cardoso, apresentou á assembleia o sr. Prof. Dr. Inocêncio Galvão Teles, da Faculdade de Direito de Lisboa, relator da tese «Vida Institucional da Universidade», dizendo da sua alta competência como professor catedrático. Seguidamente, após ter sido recebido de pé, pela assistência, com uma prolongada salva de palmas, o sr. Prof. Dr. Galvão Teles leu o seu notável trabalho, várias vezes interrompido pela assistência, com calorosos aplausos.

## Vida institucional da Universidade

A Universidade — disse o sr. Prof. Dr. Galvão Teles — constitui uma verdadeira instituição.

Há nela uma comunidade de pessoas, os professores e os alunos, irmanadas na prossecução dos mesmos fins, o todo revestido de autoridade própria e assistido de órgãos seus.

O carácter institucional da Universidade portuguesa mostrava-se particularmente nítido nos primeiros séculos da sua existência.

Mas nesse tempo ela não era apenas uma instituição, era também uma corporação, no sentido medieval da palavra, hoje restabelecido, com as alterações impostas pelo tempo, nos quadros da organização corporativa.

O corporativismo da Idade Média, como também o actual corporativismo português, não se restringia ás actividades económicas, antes constituía uma fórmula geral de organização da sociedade.

Nessa fórmula integrava-se a Universidade, que gozava de completa autonomia perante o Estado. A Universidade tinha um poder absoluto de autodirecção. Fazia os seus estatutos, escolhia os seus órgãos, designava os seus professores, traçava as directrizes superiores da sua vida; possuía bens próprios que administrava; exercia jurisdição sobre os seus membros.

A moderna Universidade portuguesa ainda possui autonomia em muitos aspectos. Mas não é mais que um serviço público ou administrativa (embora com personalidade jurídica), dependente de um departamento de Estado.

E de toda a vantagem, para a eficiência e futuro do organismo universitário, procurar reaninhar quanto possível a sua vida institucional, tão definida, e revigorar a sua autonomia, tão enfraquecida.

O problema está ligado com o da função da Universidade. A Universidade deve ter uma missão formativa, procurando quanto possível o desenvolvimento integral e harmónico das personalidades dos discípulos.

Só nesse ambiente e dentro desse espírito a vida institucional universitária poderá de novo atingir a intensidade e o esplendor de outras eras.

Para esse efeito, o principal depende da boa vontade e dedicação dos responsáveis — professores e alunos.

Como providências adjuvantes podem lembrar-se:

- 1.ª A organização corporativa das Universidades;
- 2.ª A instituição de maior número de disciplinas culturais, que permitam aos mestres influir decisivamente na formação intelectual e moral dos alunos;
- 3.ª A criação de «cidades universitárias», onde todas ou a maior parte das Faculdades ou Escolas de cada Universidade tenham a sua sede;
- 4.ª — O alargamento dos quadros de pessoal recrutamento do pessoal docente auxiliar, que coadjuve os catedráticos nas tarefas do ensino, acompanhando tão de perto quanto possível os alunos nos seus problemas e dificuldades, e consagrando-se os catedráticos cada vez mais ás responsabilidades da investigação científica;
- 5.ª A atribuição aos estudantes de um papel mais activo na realização dos fins universitários.

## Inúmeras comunicações foram apresentadas na sessão de ontem

Seguidamente, após prolongada oração com que a assistência aplaudiu no final da sua magistral lição o sr. Prof. Dr. Galvão Teles, a sr.ª D. Maria Hígina Nunes da Silva leu os resumos das seguintes comunicações apresentadas ao congresso:

«A ideia de corporação e a reforma universitária», de Afonso Botelho, da Faculdade de Letras de Lisboa; «O curriculum universitário e a cultura superior da mulher cristã», pela sr.ª D. Maria Helena Teyes Costa, professora do Liceu de Évora; «Um método de trabalho universitário: o regime de Seminário», de Alexandre Fradique Gomes Morujão, de Coimbra; «Aproximação de professores e alunos em actividades comuns», por Luís Filipe de Noronha Demony, da Faculdade de Letras de Lisboa; «A Universidade comunidade de estudantes», por Afonso Botelho, da Faculdade de Letras de Lisboa; «Trabalho em regime de seminários», por Maria Luísa Ferramentas Ferreira Guerra, da Faculdade de Letras de Lisboa; «Seminários de investigação», por Rita Fuzeta da Ponte; «Pedagogia universitária», por Manuel Jidice Halpern, da Faculdade de Medicina de Lisboa; «Problemas de estudo na Faculdade de Letras de Lisboa», por Maria da Encarnação Monteiro, da Faculdade de Letras de Lisboa; «Intercâmbio cultural entre as várias Escolas Superiores», por Maria Isabel Furtado e Maria Helena Graça e Mira; «Sobre a importância dos organismos de extensão cultural», pelo Dr. Mário Bento Martins Soares, de Coimbra; «Servir a Universidade», por João Cabral, da Pontifícia Faculdade de Filosofia de Braga; «Colégios universitários», do Padre Dr. Joaquim António de Aguiar; «O problema da habitação dos estudantes», pelo Dr. Aulácio de Almeida, de Coimbra; «Problemas económico-sociais dos estudantes», de Virgílio Lemos, da Faculdade de Letras de Lisboa; e «A luta contra a tuberculose nos meios universitários», pelo Dr. Mário da Silva Moura, da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Finda a leitura das comunicações, que a assistência aplaudiu, o sr. Prof. Dr. Pires Cardoso, ao encerrar a sessão, agradeceu ao sr. Prof. Dr. Galvão Teles a sua magistral lição e o seu notável trabalho com que enriqueceu o I Congresso Nacional da J. U. C.

## Uma sessão de cinema para os congressistas

Depois dos trabalhos, os congressistas assistiram a uma sessão de cinema que lhes foi dedicada, no Cinema Império, para a primeira exhibição em Portugal do filme francês «Journal d'un Curé de Compagnes», que foi comentado pelo architecto João de Almeida.

\*

Rádio Universidade (Estação Lisboa 2, da Emissora Nacional) faz hoje, ás 20.20, a retransmissão parcial e uma reportagem da 4.ª reunião plenária do Congresso Universitário Católico e da comunicação do Prof. eng. D. António Sousa da Câmara.



Fundação Cultural de Coimbra